

Domingo XIII do Tempo Comum – C

30 de Junho de 2019

Com a cor verde dos paramentos do celebrante retomámos os domingos do Tempo Comum. O eco da Páscoa, no entanto, não nos abandona. Percebemo-lo nas palavras que introduzem a passagem evangélica: «Aproximando-se os dias de Jesus ser levado deste mundo». O domingo, portanto, continua a ser o dia em que comemoramos o mistério pascal, da paixão e entrega do Senhor, que ressuscitou de entre os mortos e está sentado à direita do Pai intercedendo por nós. A liturgia da Palavra deste domingo, centrada no evangelho segundo S. Lucas, situa-nos no caminho de Jesus para Jerusalém onde espera a sua glorificação.

O MANTO DO PROFETA TORNA-NOS LIVRES

Podemos comparar o itinerário que Jesus faz com o que sucedeu a Eliseu quando Elias o encontrou. Elias atirou-lhe o manto para cima e Eliseu abandonou tudo e foi a correr atrás dele. Não quis perder a missão de se unir ao profeta de Deus. Cada domingo, recebemos, de alguma maneira, este manto visto que renovamos o nosso baptismo, onde fomos ungidos com o santo Crisma que nos outorgava a condição de profetas segundo Cristo. O Evangelho é também como um manto que nos cobre e nos impele a correr, como Eliseu, atrás do Senhor. Não é um jugo que nos pega, mas todo o contrário. O Evangelho é uma carga libertadora do peso que frequentemente levamos no caminho da vida. O Evangelho é um caminho de liberdade. O Apóstolo no-lo diz de uma forma muito clara hoje: «Foi para a verdadeira liberdade que Cristo nos libertou», e libertou-nos do «jugo da escravidão». Fomos chamados à liberdade, que só conseguiremos estando ao «serviço uns dos outros» no amor à imitação de Jesus, deixando-nos guiar pelo Espírito Santo.

A LIBERDADE CONSISTE EM SEGUIR JESUS

A reacção dos discípulos perante a recusa que recebem, quando entram numa aldeia de samaritanos provoca uma resposta fulminante de Jesus: «Voltou-se e repreendeu-os». O Senhor ensina-nos no evangelho que não podemos reagir segundo o mundo. Se queremos ser discípulos fiéis de Jesus, devemos acolher o seu Espírito, e responder às possíveis vexações com palavras de compreensão e de perdão. Nunca uma resposta violenta pode ser a solução para um problema. Devemos encontrar o discernimento e a prioridade das nossas acções em Jesus. Quando O acolhemos com fé, abre-se diante de nós um horizonte de liberdade. Paradoxalmente, seguir Jesus comporta também um caminho de ruptura e separação, não isento de dor e de pena. Deixar o que realmente nos importa e pôr Jesus no centro da nossa vida implica decisões radicais. Os dois exemplos que a cena evangélica nos mostra exprimem-no suficientemente. Longe de opor-se aos actos de piedade e de humanidade, o Senhor manifesta sempre a primazia absoluta do Evangelho, à frente dos afectos familiares e das pessoas que amamos. Aqui se encontra o preço da nossa liberdade.

FORA DE JESUS NÃO PODE HAVER LIBERDADE

Deus criou-nos livres. Por isso Jesus quer que sejamos realmente livres e que recuperemos a nossa condição original com que fomos pensados e criados por Deus. O Filho de Deus encarnou e veio ao mundo precisamente para nos mostrar este caminho de liberdade no reino de Deus. A Igreja é e deveria ser profética justamente neste aspecto de liberdade que o mundo não pode oferecer. Como diz o Papa Francisco na sua última exortação apostólica aos jovens, *Christus vivit*, «é necessário que a Igreja não se centre demasiado em si mesma, mas que reflita sobretudo Jesus Cristo» (n. 39). E Jesus é o homem livre por excelência. O caminho histórico da Igreja, como a história de cada cristão, deve adentrar-se nesta dinâmica de liberdade que Jesus nos mostra: «Tu, vai anunciar o reino de Deus. Quem tiver lançado as mãos ao arado e olhar para trás não serve para o reino de Deus»

A EUCARISTIA APERFEIÇOA-NOS COMO PROFETAS

Depois da consagração dos santos dons que apresentámos sobre o altar, a assembleia litúrgica responde: «Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!». Estes verbos, «anunciar» e «proclamar», resumem perfeitamente a nossa condição profética perante a realidade do mundo presente. Tal como sucedeu com Eliseu, e mais tarde com os discípulos, também nós estamos chamados a anunciar e a proclamar o reino de Deus, sem temor, enquanto esperamos a manifestação gloriosa do Senhor, quando Ele voltar no final dos tempos para nos libertar definitivamente.

Joan Obach Baurier
Pároco de Sant Oleguer e
delegado diocesano de Pastoral Sacramental da arquidiocese de Barcelona
Tradução: Marques Pereira